
A revolução expurgada

“A-pesar-de seus horrores, tem sido a Revolução a verdadeira causa de nossa renovação moral. Do mesmo modo, o estêrco mal cheiroso dá as plantas mais preciosas. Os homens podem retardar essa evolução que começa. Eles podem sustá-la momentaneamente, mas não aniquilá-la”.

Essa sentença admirativa de Napoleão sôbre o espírito da Revolução Francesa, cujas formas políticas êle próprio destruíra, não representa uma opinião isolada. Quando cônsul, quando imperador e até mesmo ainda quando exilado na ilha de Santa Helena, êle fala repetidas vezes das grandes e magníficas verdades”, dos “sublimes princípios” da Revolução, dotados duma “vida eterna”:

“Transfiguramo-los pela glória; cercamo-los de prodígios. Já se tornaram imortais. Vivem na Inglaterra, iluminam a América, são propriedade do povo na França. Esse candelabro de três braços é que irradiará sua luz pelo mundo”.

Levar essa “luz universal” a todos os países, à Itália, à Polônia, à Alemanha e à Espanha; fazê-la resplandecer até sôbre Bizâncio, o Egito e a Índia; transmití-la, através dos séculos, às gerações vindouras, eis o que, a certas horas, Napoleão sentiu como a suprema missão de sua vida:

“Essas verdades têm de se tornar a religião de todos os povos, e tôda esta época memorável ficará ligada a meu nome, a-pesar-de tudo o que se possa dizer. Fui eu quem acendeu sua luz, quem alumiou seus primeiros passos e, agora, as perseguições me fizeram seu Messias por todos os tempos. Quando eu não mais existir, continuarei a ser, para os povos, a estrêla de seus direitos”.

O povo francês e, a título igual, tôdas as outras nações alcançadas pelas idéias revolucionárias, cheios de entusiasmo, veneram como o grande herói e conquistador universal da liberdade a êsse homem